

«UM TRABALHO VISIONÁRIO E HISTÓRICO.» IRVINE WELSH

# PAUL MASON



# CAPITALISMO

## UM GUIA PARA O NOSSO FUTURO

*Para Calum, Anya, Robbie e James*

# Índice

Introdução . . . . .	11
PARTE I . . . . .	29
1 O neoliberalismo está falido . . . . .	31
2 Ondas longas, memórias curtas . . . . .	71
3 Marx tinha razão? . . . . .	97
4 A onda longa interrompida . . . . .	139
PARTE II . . . . .	177
5 Os profetas do pós-capitalismo . . . . .	179
6 Rumo à máquina de produção gratuita. . . . .	231
7 Maravilhosos desordeiros . . . . .	275
PARTE III . . . . .	327
8 Transições . . . . .	329
9 A razão para entrar em pânico. . . . .	369
10 Projecto Zero . . . . .	395
Agradecimentos . . . . .	439
Notas . . . . .	441
Índice remissivo . . . . .	467

## Introdução

Para chegarmos ao rio Dniestre, conduzimos através de florestas frias, edifícios antigos e instalações ferroviárias cuja cor dominante é a da ferrugem. A água gelada corre transparente. O silêncio é tal que conseguem ouvir-se pequenos pedaços de cimento a caírem da ponte rodoviária mais acima, que se desfaz lentamente por falta de manutenção.

O Dniestre serve de fronteira geográfica entre o capitalismo do mercado livre e aquilo que quiserem chamar ao sistema dirigido por Vladimir Putin. Separa a Moldávia, um país da Europa de Leste, de um Estado fantoche separatista russo chamado Transnístria, controlado pela máfia e pela polícia secreta.

Do lado da Moldávia, pessoas de idade enchem os passeios para vender produtos que cultivaram ou produziram: queijo, bolos e alguns produtos hortícolas. Há poucos jovens; um em cada quatro adultos trabalha no estrangeiro. Metade da população ganha menos de 5 dólares por dia; uma em cada dez pessoas vive num tal estado de pobreza extrema que a escala utilizada para essa aferição é a mesma que usamos para África.<sup>1</sup> O país surgiu no início da era do neoliberalismo, com o colapso da União Soviética no início da década de 1990 e a entrada das forças de mercado – mas muitos dos aldeões com quem falei afirmaram preferir viver sob o Estado policial de Putin do que sob a miserável penúria da Moldávia. Este mundo cinzento de estradas sujas e rostos austeros foi gerado pelo capitalismo, não

pelo comunismo. E agora o melhor do capitalismo já passou à história.

Como é evidente, a Moldávia não é um país europeu típico. No entanto, é nos locais mais remotos do mundo que podemos observar a maré vazante da economia – e traçar as ligações causais entre estagnação, crises sociais, conflitos armados e erosão da democracia. O falhanço da economia ocidental está a minar os valores e as instituições que outrora julgámos permanentes.

Nos centros financeiros, do outro lado dos vidros, as coisas ainda parecem cor-de-rosa. Desde 2008 que biliões de dólares de diferentes proveniências têm circulado pelos bancos, fundos de investimentos, firmas de advogados e de consultoria para manterem o sistema mundial em funcionamento.

No entanto, a longo prazo, as perspectivas do capitalismo são sombrias. De acordo com a OCDE, o crescimento no mundo desenvolvido será «fraco» nos próximos cinquenta anos. A desigualdade aumentará cerca de 40%. Mesmo nos países desenvolvidos, o dinamismo actual estará esgotado em 2060.<sup>2</sup> Os economistas da OCDE foram demasiado educados para o afirmarem, por isso digamo-lo com todas as letras: para o mundo em desenvolvimento, o melhor do capitalismo já acabou e, para o restante, acabará enquanto ainda formos vivos.

O que começou em 2008 como uma crise económica converteu-se numa crise social que conduziu a uma agitação generalizada; e agora, à medida que as revoluções dão lugar a guerras civis e geram tensões entre as superpotências detentoras de armamento atómico, tornou-se uma crise da ordem mundial.

Perante isto, o fim só poderá assumir uma de duas formas.

No primeiro cenário, a elite global mantém-se e impõe o custo da crise aos trabalhadores, aos reformados e aos pobres durante os próximos dez ou vinte anos. A ordem global – imposta pelo FMI, Banco Mundial e Organização Mundial

do Comércio – sobrevive, mas numa versão enfraquecida. O custo de salvar a globalização será pago pelos cidadãos comuns do mundo desenvolvido. No entanto, o crescimento estagnar-se-á.

No segundo cenário, haverá uma quebra do consenso. Partidos da extrema-direita ou da extrema-esquerda ascenderão ao poder porque os cidadãos comuns se recusam a pagar o preço da austeridade. Perante isto, os Estados tentarão impor os custos da crise uns aos outros. A globalização entrará em ruptura, as instituições globais perderão poder e, neste processo, os conflitos que têm lavrado nos últimos vinte anos – guerras contra o tráfico de droga, nacionalismo pós-soviético, jihadismo, migrações descontroladas e resistência a estas – provocarão um incêndio no centro do sistema. Neste cenário, o apoio ao direito internacional evapora-se: a tortura, a censura, as prisões arbitrárias e a vigilância global tornar-se-ão as ferramentas habituais dos Estados. Trata-se de uma variante daquilo que ocorreu na década de 1930 e nada nos garante que não possa voltar a acontecer.

Em ambos os cenários, os graves impactos das alterações climáticas, o envelhecimento demográfico e o crescimento da população atingirão o ponto crítico por volta do ano 2050. Se não criarmos uma ordem global sustentável nem restaurarmos o dinamismo económico, as décadas que se seguirem a 2050 serão caóticas.

Por isso, quero propor uma alternativa: primeiro, salvamos a globalização enterrando o neoliberalismo; depois, salvamos o planeta – e salvamo-nos da confusão e da desigualdade – ultrapassando o próprio capitalismo.

Enterrar o neoliberalismo é a parte mais fácil. Percebe-se um consenso crescente entre movimentos de protesto, economistas radicais e partidos políticos radicais na Europa quanto

à maneira de o levar a cabo: eliminar a alta finança, inverter a austeridade, investir em energias verdes e promover o trabalho bem remunerado.

Como a experiência grega demonstra, qualquer governo que desafie a austeridade choca de imediato com as instituições globais que protegem o 1%. Depois de o Syriza, o partido da esquerda radical, ter ganho as eleições em Janeiro de 2015, o Banco Central Europeu, cuja missão era promover a estabilidade dos bancos gregos, *fechou a torneira* a esses mesmos bancos, desencadeando uma fuga de mais de 20 mil milhões de euros de depósitos. Isto obrigou o governo de esquerda a optar entre a bancarrota ou a submissão. É impossível encontrar actas, registos de votação ou explicações para aquilo que o BCE fez. Os esclarecimentos ficaram a cargo da *Stern*, uma revista alemã conotada com a direita: eles «esmagaram» a Grécia.<sup>3</sup> Foi um acto simbólico com o intuito de reforçar a mensagem central do neoliberalismo de que *não existe alternativa*; que todos os caminhos que se afastem do capitalismo acabam no mesmo tipo de desastre que vitimou a União Soviética; e que uma revolta contra o capitalismo é uma revolta contra uma ordem natural e eterna.

A crise actual não só é um prenúncio do fim do modelo neoliberal, como também um sintoma da incompatibilidade, a longo prazo, entre os sistemas de mercado e uma economia assente na informação. O objectivo deste livro é explicar a razão por que a substituição do capitalismo deixou de ser um sonho utópico, como podem descobrir-se as formas básicas de uma economia pós-capitalista no interior do actual sistema e como estas podem expandir-se rapidamente.

O neoliberalismo é a doutrina dos mercados sem controlo: estabelece que o melhor caminho para a prosperidade é as pessoas perseguirem o seu interesse próprio, sendo o mercado a única

forma de expressar este interesse. Afirma que o Estado deve ser pequeno (à exceção das forças antimotim e da polícia secreta); que a especulação financeira é benéfica; que a desigualdade é boa; que o estado natural da Humanidade é ser um grupo de indivíduos sem escrúpulos em competição entre si.

O seu prestígio assenta em feitos materiais: nos últimos vinte e cinco anos, o neoliberalismo impulsionou a maior vaga de desenvolvimento a que o mundo alguma vez assistiu e desencadeou um aperfeiçoamento exponencial das principais tecnologias de informação. No entanto, porém, fez com que a desigualdade recuasse para um estado próximo do de há cem anos e gera, agora, situações de sobrevivência.

A guerra civil na Ucrânia, que levou as forças especiais russas às margens do Dniestre; o triunfo do ISIS na Síria e no Iraque; a ascensão de partidos fascistas na Europa; ou a paralisação da NATO face à recusa das populações em autorizarem uma intervenção militar – não existem problemas independentes da crise económica – são, todos eles, sinais de que a ordem neoliberal falhou.

Ao longo das duas últimas décadas, milhões de pessoas resistiram ao neoliberalismo mas, de uma maneira geral, a resistência fracassou. Apesar de todos os erros tácticos e da repressão, a razão é simples: o capitalismo do mercado livre é uma ideia forte e clara, ao passo que as forças que se lhe opõem parecem defender algo velho, pior e incoerente.

Para o 1%, o neoliberalismo tem a força de uma religião: quanto mais a praticam, melhor se sentem – e mais ricos ficam. Quando o sistema entrou em pleno funcionamento, mesmo entre os pobres passou a ser considerado irracional agir de uma maneira que não fosse aquela estabelecida pelos preceitos neoliberais: contraem-se dívidas, improvisam-se maneiras de contornar o sistema fiscal e cumprem-se regras sem sentido impostas no trabalho.

Durante décadas, os adversários do capitalismo chafurdaram na sua própria incoerência. Do movimento antiglobalização da década de 1990 ao Occupy e outros posteriores, o movimento pela justiça social rejeitou a ideia de um programa coerente em prol de «Um não, Muitos Sim». A incoerência é lógica, se pensarmos que a única alternativa é aquilo a que a esquerda do século XX chamou «socialismo». Para quê lutar por uma grande mudança se é apenas uma regressão – em direcção ao controlo estatal e ao nacionalismo económico, a economias que só funcionam se todos se comportarem da mesma maneira ou se submeterem a uma hierarquia brutal? Por outro lado, a ausência de uma alternativa clara explica porque é que a maior parte dos movimentos de protesto nunca triunfa: no fundo, não o querem. O movimento de protesto até tem uma expressão para isto: «a recusa de vencer».<sup>4</sup> Para substituímos o neoliberalismo, precisamos de algo igualmente poderoso e eficaz; não apenas de uma ideia brilhante de como o mundo poderia funcionar, mas de um novo modelo, holístico, operante, e que produza resultados tangivelmente melhores. Deve assentar em micro-mecanismos e não em doutrinas ou políticas; tem de funcionar de modo espontâneo. Neste livro, defendo a existência de uma alternativa clara, que pode ser global e que pode contribuir para um futuro substancialmente melhor do que aquele que o capitalismo proporcionará em meados do século XXI.

Chama-se pós-capitalismo.

O capitalismo é mais do que uma simples estrutura económica ou um conjunto de leis e instituições. É *todo* o sistema – social, económico, demográfico, cultural e ideológico – necessário para que uma sociedade desenvolvida funcione através de mercados e da propriedade privada. Isto inclui empresas, mercados e Estados.

Mas inclui ainda gangues criminosos, redes secretas de poder, pregadores de milagres num bairro de lata em Lagos (Nigéria), analistas desonestos na Wall Street. O capitalismo é a fábrica da Primark que desabou no Bangladesh e é o bando de raparigas descontroladas que aguardou pela inauguração da loja da marca, em Londres, excitadas com a perspectiva de adquirirem roupas a preços irrisórios.

Se estudarmos o capitalismo como um sistema completo, conseguiremos identificar algumas das suas principais características. O capitalismo é um organismo: tem um ciclo de vida com um princípio, um meio e um fim. É um sistema complexo que actua para lá do controlo dos indivíduos, dos governos e mesmo das superpotências. Produz resultados que são, muitas vezes, contrários às intenções das pessoas, mesmo quando estas agem racionalmente. O capitalismo é, também, um organismo que *aprende*: está em constante adaptação e não apenas em pequenas parcelas. Confrontado com importantes pontos de inflexão, metamorfoseia-se e muda como resposta ao perigo, criando padrões e estruturas dificilmente reconhecíveis pela geração anterior. E o seu instinto de sobrevivência mais básico é comandar as alterações tecnológicas. Se considerarmos não só a tecnologia da informação, mas também a produção de alimentos, o controlo dos nascimentos ou a saúde global, é provável que, nos últimos vinte e cinco anos, tenhamos assistido ao maior aumento de sempre das capacidades humanas. No entanto, as tecnologias que criámos não são compatíveis com o capitalismo – não na sua forma actual, talvez sequer com qualquer outra forma. Uma vez que o capitalismo já não consegue adaptar-se às alterações tecnológicas, torna-se necessário o pós-capitalismo. Quando aparecem, de forma espontânea, comportamentos e organizações aptos a explorar a mudança tecnológica, o pós-capitalismo torna-se possível.

*É este, em resumo o argumento deste livro: o capitalismo é um sistema complexo e adaptativo que atingiu os limites da sua capacidade de adaptação.*

É evidente que isto está a quilómetros de distância das principais correntes do pensamento económico. Nos anos do *boom*, os economistas começaram a acreditar que o sistema que emergira após 1989 viera para ficar – a expressão perfeita da racionalidade humana, cujos problemas seriam solucionáveis pelos políticos e pelos banqueiros centrais, bastando, para tal, que carregassem nos botões de comando assinalados como «política fiscal e monetária».

Quando consideraram a possibilidade de a nova tecnologia e as velhas formas de sociedade serem incompatíveis, os economistas concluíram que a sociedade teria simplesmente de se remodelar em torno da tecnologia. Este optimismo justificava-se porque, no passado, já tinham ocorrido adaptações deste género. No entanto, hoje em dia, este processo de adaptação já não funciona.

A informação é diferente de qualquer outro tipo de tecnologia anterior. Como irei demonstrar, a sua tendência espontânea é para dissolver os mercados, destruir a propriedade privada e derrubar a relação entre trabalho e salário. E é este o cenário profundo da crise que estamos a atravessar.

Se eu estiver certo, teremos de admitir que, ao longo da maior parte do século passado, a esquerda falhou em perceber que forma assumiria o fim do capitalismo. O velho objectivo da esquerda era a destruição forçada dos mecanismos de mercado. A força seria exercida pela classe trabalhadora, tanto nas urnas como nas barricadas. A alavanca seria o Estado. A oportunidade iria surgindo através de frequentes colapsos da economia. Em vez

disto, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, foi o projecto da esquerda que colapsou. O mercado destruiu o plano; o individualismo substituiu o colectivismo e a solidariedade; a força de trabalho massivamente difundida pelo mundo assemelha-se a um «proletariado», mas já não pensa nem se comporta como tal.

Se assistiram a tudo isto e odiavam o capitalismo, deve ter sido traumático. Contudo, no decorrer deste processo, a tecnologia criou uma nova via de escape que aquilo que resta da velha esquerda – e de todas as outras forças influenciada por esta – terão de aceitar ou morrer.

Afinal de contas, o capitalismo não será abolido por técnicas de marcha forçada. Será abolido através da criação de algo mais dinâmico já existente no interior do velho sistema, de forma quase imperceptível, e que está a emergir para reestruturar a economia em torno de novos valores, comportamentos e normas. Tal como sucedeu com o feudalismo há quinhentos anos, o desaparecimento do capitalismo será acelerado por choques externos e modelado pelo aparecimento de um novo tipo de ser humano. E este processo já começou.

O pós-capitalismo é possível graças a três impactos da nova tecnologia nos últimos vinte e cinco anos.

Primeiro, a tecnologia da informação reduziu a necessidade de trabalho, esbateu as fronteiras entre o trabalho e afrouxou a relação entre trabalho e salários.

Segundo, os bens de informação estão a minar a capacidade do mercado de estabelecer os preços correctamente porque os mercados assentam na escassez, ao passo que a informação é abundante. O mecanismo de defesa do sistema baseia-se na formação de monopólios a uma escala nunca vista nos últimos 200 anos – no entanto, estes não podem durar.

Terceiro, estamos a assistir ao aparecimento espontâneo da produção colaborativa: surgem bens, serviços e organizações

que já não obedecem às imposições do mercado nem da hierarquia empresarial. O maior produto de informação do mundo, a Wikipedia, é feito de forma gratuita por 27 000 voluntários, está a acabar com o negócio das enciclopédias e calcula-se que esteja a privar a indústria da publicidade de 3 mil milhões de dólares de rendimentos por ano.

De uma maneira quase imperceptível, nos nichos e espaços do sistema de mercado, todos os sectores da vida económica estão a começar a evoluir a um ritmo diferente. Têm proliferado moedas paralelas, bancos de tempo, cooperativas e espaços auto-geridos – algo que parece passar despercebido aos economistas profissionais –, muitas vezes um resultado directo do desmoronamento das velhas estruturas após a crise de 2008.

Novas formas de propriedade, novas formas de empréstimo, novos contratos legais: ao longo dos últimos dez anos tem emergido uma subcultura empresarial completa a que os meios de informação chamaram «economia de partilha». Ouvem-se e lêem-se por toda a parte expressões na moda como «commons» e «peer-production», mas poucos se têm dado ao trabalho de perguntar o que significam para o próprio capitalismo.

Penso que podem proporcionar uma via de escape, mas só se estes projectos de nível microscópico forem alimentados, promovidos e protegidos por uma alteração radical na acção dos governos. Por sua vez, isso deve ser motivado por uma mudança da nossa mentalidade em relação à tecnologia, à propriedade e ao próprio trabalho. Quando criarmos os elementos do novo sistema, ficaremos em condições de dizermos a nós mesmos e aos outros: isto já não é o meu mecanismo de sobrevivência, o meu esconderijo do mundo neoliberal, isto é um novo modo de vida no processo de formação.

Segundo o velho projecto socialista, o Estado apropria-se do mercado, dirige-o em benefício das classes desfavorecidas e não

dos ricos e, depois, transfere áreas fundamentais da produção do mercado para a economia planificada. A única vez que isto foi posto em prática, na Rússia após 1917, não funcionou. Poderia ter funcionado? É uma boa questão, mas irrelevante.

Hoje, o terreno do capitalismo mudou: é global, fragmentado, orientado para escolhas a uma escala reduzida, para trabalho temporário e múltiplos conjuntos de capacidades. O consumo tornou-se uma forma de auto-expressão – e milhões de pessoas têm uma participação no sistema financeiro que não tinham no passado.

Com o novo terreno, perdeu-se o velho caminho. No entanto, abriu-se um caminho diferente. A produção colaborativa, utilizando a tecnologia em rede para produzir bens e serviços que só funcionam quando são livres, ou partilhados, define a via para lá do sistema de mercado. Será necessário que o Estado crie a infra-estrutura, e o sector pós-capitalista poderá coexistir com o sector de mercado durante décadas, mas está a acontecer.

As redes restabelecem a «granularidade» do projecto pós-capitalista, isto é, podem ser a base de um sistema que não seja de mercado que se auto-replica, que não tenha de ser criado de novo todas as manhãs no ecrã do computador de um comissário.

A transição terá de envolver o Estado, o mercado e a produção colaborativa para lá do mercado. No entanto, para que isto aconteça, será necessário reconfigurar todo o projecto da esquerda, dos grupos de protesto aos principais partidos sociais-democratas e liberais. Com efeito, assim que as pessoas compreenderem a urgência deste projecto pós-capitalista, o mesmo deixará de pertencer à esquerda para integrar um movimento muito mais vasto para o qual iremos, provavelmente, precisar de novos rótulos.

Quem pode fazer com que isto aconteça? Para a velha esquerda, seria a classe operária industrial. Há duzentos anos, o jornalista

radical John Thelwall avisou os homens que construíam as fábricas inglesas de que tinham criado uma nova e perigosa forma de democracia: «Cada grande oficina e fábrica é uma espécie de sociedade política, que nenhum decreto do parlamento pode calar nem nenhum magistrado dispersar.»<sup>5</sup> Hoje, a sociedade no seu todo é uma fábrica e as redes de comunicação, vitais para o trabalho diário e para o lucro, fervilham com conhecimento partilhado e descontentamento. Hoje, é a rede, tal como a oficina há duzentos anos, que «não pode ser calada ou dispersada».

É verdade, eles podem desligar o Facebook, o Twitter ou mesmo toda a Internet e a rede de telemóveis em épocas de crise; no entanto, paralisariam também a economia. Podem armazenar e monitorizar todos os *kilobytes* de informação que produzimos, mas não podem voltar a impor a sociedade hierarquizada, manipulada pela propaganda e ignorante de há cinquenta anos – como sucede na China, na Coreia do Norte ou no Irão – através da exclusão de partes vitais da vida moderna. Como afirma o sociólogo Manuel Castells, seria como tentar *deselectrificar* um país.<sup>6</sup> Ao criar milhões de pessoas ligadas em rede, financeiramente exploradas mas com todo o conhecimento humano a um clique de distância, o capitalismo de informação criou um novo agente de mudança na História: o ser humano culto e em ligação.

Consequentemente, desde 2008 que temos vindo a assistir ao início de um novo tipo de revolta. Os movimentos de oposição têm vindo para as ruas determinados a fazer frente às estruturas de poder e aos abusos das hierarquias, bem como para se vacinarem contra os erros cometidos pela esquerda no século XX.

Os valores, as vozes e as morais desta geração em rede eram tão óbvios nestas revoltas que, dos Indignados espanhóis à Primavera Árabe, os meios de comunicação social começaram por acreditar terem sido provocados pelo Facebook e pelo Twitter.

Depois, em 2013-2014, eclodiram revoltas nalgumas das mais icônicas economias em desenvolvimento: Turquia, Brasil, Índia, Ucrânia e Hong Kong. Milhões de pessoas saíram à rua, de novo lideradas pela geração ligada em rede, mas, agora, as suas queixas dirigiam-se ao cerne daquilo que está mal no capitalismo moderno.

Em Istambul, nas barricadas em volta do Parque Taksim Gezi, em Junho de 2013, conheci médicos, engenheiros informáticos, despachantes alfandegários e contabilistas – profissionais para quem a taxa de crescimento de 8% do PIB da Turquia não teve qualquer efeito quando os governantes islamitas lhes roubaram um estilo de vida moderno.

No Brasil, ainda os economistas festejavam a criação de uma nova classe média, e já esta se tornara a dos trabalhadores mal remunerados. Escaparam da vida nas favelas para um mundo de salários regulares e contas bancárias, mas foram enganados quanto aos serviços mais básicos e ficaram à mercê de uma polícia brutal e de um governo corrupto. Foram milhões os que vieram para as ruas.

Na Índia, os protestos desencadeados pela violação em grupo e assassinato de uma estudante em 2012 também foram um sinal de que a geração culta e ligada em rede já não estava disposta a tolerar por mais tempo paternalismos ou atitudes retrógradas.

A maior parte destas revoltas não vingou. A Primavera Árabe foi abafada, como no Egito ou no Barém, ou esmagada pelo islamismo, como na Líbia e na Síria. Na Europa, um policiamento repressivo e uma frente unida de todos os partidos a favor da austeridade derrotou os *Indignados* e impôs-lhes um silêncio forçado. No entanto, as revoltas mostraram que, numa sociedade altamente complexa e conduzida pela informação, a revolução será bastante diferente das do século xx. É frequente as revoltas não progredirem na ausência de uma classe trabalhadora forte

e organizada que consiga rapidamente trazer as questões sociais para o debate público. Contudo, a ordem nunca é restabelecida por completo.

Em vez de os levarem a passar, de uma vez, do pensamento à acção – como acontecia com os radicais nos séculos XIX e XX –, as forças da repressão obrigaram os jovens a oscilar entre ambos: podem prendê-los, torturá-los e persegui-los, mas é impossível impedir-lhes a resistência mental.

No passado, o pensamento radical não faria sentido sem poder. Quantas gerações de rebeldes desperdiçaram as vidas em sótãos a escrever poemas violentos, amaldiçoando o mundo injusto e a sua própria inércia? Porém, numa economia de informação, a relação entre pensamento e acção muda.

Na engenharia de alta tecnologia, antes que uma única peça de metal seja moldada, os objectos são projectados virtualmente, testados virtualmente e até «produzidos» virtualmente – todo o processo é modular do princípio ao fim – nos computadores. Os erros são descobertos e corrigidos durante a fase de concepção, algo impossível antes do aparecimento das simulações em 3D.

Por analogia, o mesmo sucede com a concepção de um pós-capitalismo. Numa sociedade de informação, nenhum pensamento, debate ou sonho é desperdiçado – mesmo que concebido numa tenda de campismo, na cela de uma prisão ou numa sessão de «imagineering» (imaginação + engenharia) de uma empresa *startup*.

Na transição para uma economia pós-capitalista, o trabalho realizado durante a fase de concepção pode reduzir os erros na fase de implementação. E, tal como sucede com o *software*, o projecto do mundo pós-capitalista pode também ser modular. Diferentes pessoas podem trabalhar nele em diferentes locais, a diferentes velocidades, cada uma com relativa autonomia. Já não é um plano de que necessitamos, mas um projecto concebido em módulos.

No entanto, esta necessidade é urgente.

O meu objectivo não é fornecer nem uma estratégia económica nem um guia de organização. É, sim, fazer um levantamento das contradições do capitalismo para que as pessoas, os movimentos e os partidos possam ficar com coordenadas mais precisas para a caminhada que estão a tentar empreender.

Hoje em dia, a principal contradição surge entre a possibilidade de uma abundância de bens e de informação livres e um sistema de monopólios, bancos e governos que tenta manter as coisas privadas, escassas e comercializáveis. Tudo se resume à luta entre a rede e a hierarquia, entre velhas formas de sociedade moldadas em torno do capitalismo e novas formas de sociedade que prefiguram o que se avizinha.

Perante esta mudança, a elite que detém o poder do novo capitalismo corre muitos riscos. Enquanto escrevia este livro, o meu trabalho enquanto jornalista conduziu-me ao centro de três conflitos icónicos reveladores de como esta elite irá reagir de forma impiedosa.

Em Gaza, em Agosto de 2014, passei dez dias numa comunidade que estava a ser sistematicamente destruída por ataques de *drones*, bombardeamentos e fogo de atiradores furtivos. Morreram mil e quinhentos civis, um terço dos quais crianças. Em Fevereiro de 2015, vi o Congresso dos EUA aplaudir de pé, por vinte e cinco vezes, o homem que ordenara estes ataques.

Na Escócia, em Setembro de 2014, vi-me no meio de um súbito e completamente imprevisível movimento social radical a favor da independência em relação à Grã-Bretanha. Confrontados com a oportunidade de cortarem com um Estado neoliberal e começarem tudo do zero, milhões de jovens disseram «Sim». Foram derrotados – mas por pouco – depois de os administradores das maiores empresas terem ameaçado retirar as suas

operações da Escócia e, como se não bastasse, de o Banco de Inglaterra ter ameaçado sabotar o desejo da Escócia de continuar a usar a libra esterlina.

Depois, na Grécia em 2015, vi a euforia dar lugar à angústia quando uma população que votara à esquerda pela primeira vez em setenta anos viu as suas aspirações democráticas destruídas pelo Banco Central Europeu.

Em cada um destes três casos, a luta pela justiça colidiu com o poder real que governa o mundo.

Em 2013, ao analisarem o lento progresso da austeridade no Sul da Europa, os economistas da JP Morgan não tiveram pejo em afirmar: para o neoliberalismo sobreviver, a democracia tem de desaparecer. E avisaram que a Grécia, Portugal e Espanha «herdaram problemas de natureza política»: «As constituições e os acordos políticos na periferia sul, postos em prática a seguir à queda do fascismo, apresentam uma série de características que parecem não se coadunar com uma maior integração na região.»<sup>7</sup> Por outras palavras, as pessoas que se bateram por sistemas de bem-estar social decentes como contrapartida de uma transição pacífica das ditaduras na década de 1970 devem agora desistir de toda essa segurança para que bancos como o JP Morgan sobrevivam.

Hoje em dia não há Convenção de Genebra quando se trata do combate entre as elites e o povo que governam: o *robocop* tornou-se a primeira linha de defesa contra os protestos pacíficos. *Tasers*, *lasers* de som e gás lacrimogénio, combinados com vigilância intrusiva, infiltração e desinformação tornaram-se padrões dos manuais de aplicação da lei. E os bancos centrais, de cujas operações a maior parte das pessoas não faz a mais pálida ideia, estão preparados para sabotar a democracia provocando corridas aos bancos onde os movimentos antineoliberalistas ameaçam chegar ao poder – como aconteceu no Chipre em 2013, depois na Escócia e, agora, na Grécia.

A elite e aqueles que a apoiam estão alinhados na defesa dos mesmos princípios nucleares: alta finança, salários baixos, secretismo, militarismo, propriedade intelectual e energias com base em combustíveis fósseis. A má notícia é que estes controlam praticamente todos os governos do mundo. A boa notícia: em quase todos os países, gozam de fraca aprovação e popularidade entre os cidadãos comuns.

No entanto, é neste fosso entre a sua popularidade e o seu poder que reside o perigo. Tal como observei nas margens do rio Dniestre, uma ditadura que fornece gás barato e um trabalho no exército aos seus filhos pode parecer melhor do que uma democracia que deixa as pessoas morrer de frio e de fome.

Perante uma situação destas, o conhecimento da História tem mais poder do que possa pensar-se.

O neoliberalismo, com a sua crença na permanência e finalidade dos mercados livres, tentou reescrever toda a história anterior da Humanidade como «coisas que correram mal antes de nós». No entanto, assim que começamos a reflectir sobre a história do capitalismo, somos obrigados a pensar quais os acontecimentos, no meio do caos, que fazem parte de um padrão recorrente, e quais participam de uma mudança irreversível.

Deste modo, apesar de o seu objectivo ser a concepção de uma infra-estrutura para o futuro, partes deste livro falam do passado. A Parte I debruça-se sobre as crises e sobre como chegámos até aqui. A Parte II esboça uma nova e compreensiva teoria do pós-capitalismo. A Parte III explora a possível aparência da transição para o pós-capitalismo.

Será isto utópico? As comunidades utópicas socialistas de meados do século XIX falharam porque a economia, a tecnologia e os níveis de capital humano não estavam ainda suficientemente desenvolvidos. Com a tecnologia da informação, uma

grande parte do projecto utópico socialista tornou-se possível: das cooperativas às comunas, passando pela explosão de comportamentos emancipatórios que redefinem a liberdade humana.

Não. É a elite – isolada no seu mundo à parte – quem agora parece tão utópica quanto as seitas milenaristas do século XIX. A democracia da polícia de choque, dos políticos corruptos, dos meios de comunicação controlados por magnatas e do Estado vigilante parece tão fraudulenta e frágil quanto a Alemanha de Leste há trinta anos.

Todas as leituras da história da Humanidade apontam para a possibilidade de um colapso. A cultura popular é obcecada por isto: somos assombrados por esta ideia nos filmes de *zombies*, nos filmes-catástrofe, nas paisagens desoladas pós-apocalípticas de *A Estrada* (2009) ou *Elysium* (2013). No entanto, como seres inteligentes que somos, por que não haveríamos nós de conceber a imagem da vida ideal, da sociedade perfeita?

Milhões de pessoas estão a começar a perceber que lhes venderam um sonho que nunca poderão viver. No lugar deste, precisamos de muito mais do que de um punhado de sonhos diferentes. Precisamos de um projecto coerente assente na razão, em conceitos provados e testados, que siga as linhas da história da Economia e que seja sustentável para o nosso planeta.

E temos de começar já a trabalhar nele.

# «SERÁ UTÓPICO ACREDITAR QUE ESTAMOS À BEIRA DE UMA EVOLUÇÃO E DE UMA ALTERNATIVA AO CAPITALISMO?»

Ao longo dos últimos dois séculos, o capitalismo reinventou-se continuamente, intercalando ciclos de pujante crescimento com momentos de gravosa recessão. De todas as vezes, o sistema sobreviveu às crises e emergiu dos escombros — sempre renovado, sempre mais forte.

Mas não por muito mais tempo. O capitalismo atingiu o seu limite.

Nesta memorável viagem pela turbulenta história do capitalismo, Paul Mason demonstra como este imenso e complexo organismo financeiro e social deixou de conseguir adaptar-se às mudanças em curso. Falamos das novas tecnologias de informação e de uma revolução profunda no modo de encarar o trabalho e as formas de produção; uma alteração irreversível no valor do trabalho e de quem o faz, que destruirá os fundamentos do próprio sistema.

Mas a alternativa a este sistema falido existe, e está em marcha. E traz consigo uma sociedade mais justa, mais igualitária e uma economia mais sustentável. Chama-se pós-capitalismo.

---

«Reescrever Marx é bastante ambicioso, certo?»

THE INDEPENDENT

«Depois do pós-modernismo e de outras  
pós-modas, Mason confronta-nos com o único  
e verdadeiro pós: o pós-capitalismo.»

SLAVOJ ŽIŽEK

---



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f editoraobjectiva  
@ penguinlivros

ISBN 9789897876264



9 789897 876264 >